

Titulo do Simpósio Temático: Representação dos lugares na cultura brasileira

Dados do Coordenador:

Nome: Prof. Dr. Luís Antônio Jorge

Autor: **Jacopo Crivelli Visconti**

Título do trabalho: **Derivas: a construção de relações com o lugar através de obras artísticas**

“Entre os diversos procedimentos situacionistas, a deriva se apresenta como uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas. O conceito de deriva está indissolavelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo, o que o torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e de passeio”. Começa assim o celebre texto-manifesto de 1958 em que Guy Debord descreve a prática da deriva, que consiste em perambular, principalmente a pé, mas eventualmente também de outras formas, sem rumo pré-definido, escolhendo ao acaso, ou com base em sensações e impressões extemporâneas, a direção a ser tomada a cada momento. A apreensão da realidade profunda, misteriosa e escondida da cidade, possibilitada pelas derivas é, como bem diz o próprio Debord, uma proposição ao mesmo tempo *lúdica* e *constructiva*, cujo tom jocoso não desmente o caráter profundamente sério e engajado. O objetivo explícito das derivas, de fato, é “estabelecer (...) uma cartografia influenciadora que falta até o momento, e cuja incerteza atual, inevitável até que se efetue um imenso trabalho, não é pior que a dos primeiros portulanos, e com uma diferença: não se trata de delimitar exatamente continentes duráveis, mas de mudar a arquitetura e o urbanismo”. Formada prevalentemente por escritores, artistas e arquitetos ao longo da sua atribulada existência, e apesar de uma progressiva radicalização de suas posições políticas, a Internacional Situacionista, da qual Debord foi fundador e líder intelectual, deve ser considerada um movimento eminentemente artístico, principalmente em seus primeiros anos, e é de fato uma leitura a partir do âmbito artístico de textos como a *Teoria da deriva* que melhor demonstra quanto, para além talvez das intenções do próprio Debord, suas idéias acabariam reverberando na produção artística até hoje. Parece lícito afirmar, inclusive, que algumas vertentes artísticas têm contribuído, mesmo que involuntariamente, para a constituição da *nova cartografia* de que fala

Debord. Trata-se, como é evidente, de uma cartografia desordenada, em que cada obra constitui uma tentativa, parcial e subjetiva, de modificar ou ampliar a compreensão de um lugar, mas que no conjunto aponta para a possibilidade de uma nova relação com o espaço (principalmente, mas não exclusivamente, urbano). Com o intuito de exemplificar a riqueza e diversidade de interpretações de determinados territórios, que a produção artística pode desencadear, e tem de fato fomentado ao longo das últimas décadas, mesmo nos restringindo apenas ao âmbito bastante específico das derivas, citaremos aqui dois exemplos, à primeira vista muito distantes entre eles, mas exatamente por isso extremamente reveladores.

No final dos anos 1960, enquanto na França as últimas veleidades artísticas da Internacional Situacionista evaporavam na urgência dos acontecimentos, substituídas por um engajamento político explícito e militante, a prática da deriva como ação de cunho artístico começava a firmar-se mundialmente como tipologia autônoma e reconhecida. Em 1967, o artista americano Robert Smithson publicava, na revista *Artforum*, seu hoje célebre ensaio literário e fotográfico intitulado *A Tour of the Monuments of Passaic*, em que o autor perambula pela sua cidade natal descrevendo, num estilo entre o irônico e o vaticinante, objetos de ordinária banalidade pós-industrial, que ele eleva ao status de monumentos.



Figura XX, Robert Smithson, fotos da série *A Tour of the Monument of Passaic*, 1967

O texto e as fotos que o acompanham, e que constituem, a todos os efeitos, uma obra de arte, denotam o fascínio latente de Smithson pela rápida obsolescência suburbana, aliado a um desejo bastante explícito de romper com o modelo convencional de produção artística. O formato da deriva, em todas as suas declinações, oferecia de fato a uma geração de artistas inconformados com o modelo de produção artística vigente a possibilidade de criar obras etéreas, intangíveis e, o que mais importa, dificilmente fagocitáveis pelo sistema, já que acabavam consistindo apenas, ou basicamente, em relatos ou registros. Exatos trinta e cinco anos depois, na periferia de Lima, o artista belga radicado no México Francis Alÿs levou a cabo uma ação memorável, intitulada *Cuando la fé mueve montañas*, e que consistiu exatamente em deslocar manualmente, com a ajuda de 500 voluntários, uma das dunas de areia que ameaçavam engolir o pequeno aglomerado urbano de Ventanilla, de onde provia a maioria dos voluntários.



Figura XX, Francis Alÿs, em colaboração com Cuauhtémoc Medina e Rafael Ortega, still do vídeo *Cuando la fé mueve montañas*, 2002

A duna foi afastada apenas de poucos centímetros, mas o objetivo de Alÿs, perfeitamente realizado, não era tanto o deslocamento físico da montanha, mas

transmitir a consciência de que esse ato é possível, e assim estimular uma nova relação com o lugar, com o país, com o mundo. Apesar de não constituir uma deriva no sentido mais convencional do termo, a ação de Alÿs se torna possível através do movimento, e de fato constitui um ótimo exemplo de obra que não visa a produção de um objeto artístico, mas a criação de vínculos entre pessoas (sejam elas de uma mesma comunidade, ou não) e, o que mais nos interessa aqui, das pessoas com um determinado lugar, mesmo que esse lugar seja inóspito e degradado como Ventanilla (ou Passaic, na obra de Smithson). De fato, a partir dos próprios situacionistas, as derivas são atividades que não visam à produção de um registro ou um resultado imediato, negando-se, assim, a aceitar a lógica burguesa que só concebe atos com uma finalidade prática e clara. O próprio fato de caminhar, e não utilizar um veículo pode ser interpretado como uma recusa a entrar na lógica do mercado, e estabelece mais uma ponte com a postura *blasé*, mas no fundo subversiva, do *flâneur*, antecedente imprescindível do situacionista, e também de todos os artistas engajados na criação de uma nova geografia emocional.